

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PROFESSORES INICIANTES NO ENSINO SUPERIOR

Rodrigo Toledo¹, Maria da Penha Meirelles Almeida Costa¹,
Rodnei Pereira²

¹ Universidade Ibirapuera – UNIB

² Centro Universitário Assunção - Unifai

Av. Interlagos, 1329 – São Paulo/SP

rodrigo.toledo@ibirapuera.edu.br

Resumo

O artigo discute a construção da identidade profissional de professores iniciantes no ensino superior. Por meio de uma revisão bibliográfica e com base na experiência dos autores como coordenadores de cursos superiores, o trabalho pautou-se em conceitos como identidade (Ciampa, 2001); identidade profissional (Dubar, 2005; Tardif, 2000; Lüdke, 2004). Correlacionou-se essa discussão com os conceitos de profissionalidade docente conforme as propostas de Almeida (2006), Príncipe, Pereira e Passos (2015) e Roldão (2005). Os resultados apontam que a docência universitária carece de uma moralização, do ponto de vista das condições de trabalho e carreira para que seus professores possam se desenvolver profissionalmente e para que se percorram inovações curriculares e didáticas.

Palavras-chaves: Docência, Identidade Profissional, Profissionalidade Docente.

Abstract

The article discusses the construction of professional identity of beginning teachers in higher education. Through a literature review and based on the experience of the authors as coordinators of higher education, the work was guided by concepts like identity (Ciampa, 2001); professional identity (Dubar, 2005; Tardif, 2000a; Lüdke, 2004). Correlated this discussion with the concepts of teaching profession as the proposed Almeida (2006), Princepe, Pereira and Passos (2015) and Roldão (2005). The results show that university teaching needs a moralization, from the point of view of working conditions and career for their teachers to develop professionally and made to traverse curricular and instructional innovations.

Key-words: Teaching in higher education. Professional identity. Teacher professionalism.

Para um professor iniciante a própria construção do autoconceito de docência é o primeiro desafio imposto pela nova tarefa. Lüdke (2004) afirma que o professor é o fiel depositário da cultura, mas ele não transmite a cultura simplesmente, ele deve ser capaz de estabelecer elos entre os diversos saberes presentes no mundo, compreender como foram construídos, reconhecer suas diferentes interpretações e, conhecendo os estudantes, situá-los em seu contexto sócio histórico.

Encarar os desafios propostos pela docência não se apresenta como tarefa fácil. Alguns pesquisadores nos encorajaram a enfrentar esse desafio, entre eles destaca Furlanetto (2003), que evidencia que não só os conhecimentos disciplinares dão sustentação ao exercício da docência:

O lugar onde o professor constrói respostas para os desafios impostos pela prática aos poucos vai sendo explorado, desdobrado e ampliado. O professor toma decisões, processa informações, atribui sentidos, fundamentado no que conhece e sabe; sua subjetividade é composta por uma mescla e teorias, vivências, crenças e valores. (FURLANETTO, 2003, p. 12).

Diante dessa afirmação de Furlanetto, emerge a seguinte questão: Como estruturar uma identidade profissional docente articulada à identidade pessoal? Para tentar responder essa questão, faz-se necessário refletir sobre os conceitos de identidade, identidade profissional e profissionalidade.

Com base nos pensamentos de autores como Ciampa (2001), Dubar (2005), Freitas (2006) e Lemos (2009), podemos inferir que a Identidade se constitui a partir da atividade humana bem como da ação do sujeito no mundo, o que possibilita a apropriação e o sentido dado aos papéis sociais que irá desempenhar.

Para Fortes (2008), a identidade é um processo inacabado de continuidade, ruptura e superação da constituição de um sujeito nas suas relações biográficas e relacionais, mediadas pelos significados e sentidos que ele

atribui a si, ao seu ser e agir, bem como ao seu lugar no mundo.

Já para autores como Pimenta (1999), Tardif (2000a), Lüdke (2004) e Garcia (2009), a identidade profissional docente pode ser compreendida como uma construção social marcada por múltiplos fatores que interagem entre si, resultando em uma série de representações que o docente faz de si mesmo e de suas funções, e que o mundo faz dele. Ele estabelece, consciente e inconscientemente, negociações das quais certamente fazem parte sua trajetória, sua condição concreta de trabalho, o imaginário recorrente acerca dessa profissão e os discursos que circulam no mundo social e cultural acerca dos docentes.

Diante dos saberes que serão necessários para que o professor apreenda e mobilize no exercício da sua atuação docente, é necessário refletir sobre a intersecção da sua identidade profissional, já constituída, com a sua identidade docente - em processo de construção -, o que é comumente evidenciado nas práticas dos professores iniciantes do ensino superior.

Dubar (2005) afirma que os diversos papéis que um trabalhador desempenha ao longo da vida constroem sua identidade profissional e ainda afirma que a Identidade deve ser entendida como algo de grande valia para qualquer pessoa, pois “a perda da Identidade é sinônimo de alienação, sofrimento, angústia e morte.” (DUBAR, 2005, p. 13).

Para ele, a identidade é constituída por sucessivas socializações, num movimento entre o pessoal, o subjetivo e o social. Para ele, a “socialização inicial” ocorre durante a infância, com a apropriação de valores, regras e signos: [...] oriundos da família de origem e também do universo escolar e dos grupos etários nos quais as crianças realizam suas primeiras experiências de cooperação. [...] Essa socialização também contribui para fornecer as referências culturais a partir das quais os indivíduos terão de identificar seus grupos de pertencimento e de referência, interiorizar seus traços culturais gerais, especializados, opcionais e individuais [...] antecipar suas socializações posteriores.

(DUBAR, 2005, p. 329).

Mas, segundo ele, dentre as múltiplas dimensões que a identidade assume, a profissional merece destaque: Por se tornar um bem raro, o emprego condiciona a construção das Identidades sociais; por passar por mudanças impressionantes, o trabalho obriga a transformações identitárias delicadas; por acompanhar cada vez mais todas as modificações do trabalho e do emprego, a formação intervém nas dinâmicas identitárias por muito tempo além do período escolar. (DUBAR, 2005, p. XXVI). O autor aponta momentos distintos das configurações identitárias – momentos esses que não aparecem necessariamente em todas as carreiras profissionais. São eles: Momentos da construção da identidade correspondendo tradicionalmente à formação profissional [...], momento da consolidação da Identidade ligada à inserção e à aquisição progressiva da qualificação nos planos de carreira profissionais [...] momento do reconhecimento da Identidade, pautado pelo acesso à responsabilidade nas camadas empresariais [...], momento de envelhecimento da Identidade e da passagem progressiva à aposentadoria. (DUBAR, 2005, p. 327).

Dubar afirma que, para a compreensão da identidade profissional, devemos nos ater primeiramente para a Identidade para Si, que é o entendimento que o indivíduo tem de si mesmo, o que pensa ser, ou gostaria de ser em relação com sua trajetória como pessoa.

Josso (2007) contribui para o entendimento da identidade para si, afirmando que a construção da identidade ou da formação de si põe em cena um sujeito às voltas com os contextos e com ele-mesmo, numa tensão permanente entre os modelos possíveis de identificação e as aspirações à diferenciação e à singularização, sendo elas as fontes de criatividade social e coletiva.

Outro conceito importante para Dubar (2005) é a identidade para outro, que é a construção elaborada na relação com o outro, ou seja, o que o outro diz que sou, a Identidade que o outro sujeito me atribui. É na articulação desse processo de construção de identidade para si e para o outro que ocorre a atribuição de papéis na sociedade bem como a interiorização do momento histórico em que vivo e

no qual me constituo como pessoa. Dubar (2005) afirma que, além da relação com o outro, o trabalho constitui um espaço para ocorrência das negociações identitárias, as quais contribuem para a estruturação das Identidades profissionais.

Diante disso, Gatti et al. (2007) afirmam que podemos analisar que a identidade profissional resulta das relações com o outro e das interações no trabalho, fundadas nas negociações exigidas no cotidiano, nas relações estabelecidas e nas interações do trabalho.

Para que possamos pensar sobre a profissionalidade, valemo-nos de Roldão (2005) que conceitua o termo como “o conjunto de atributos socialmente construídos que permitem distinguir uma profissão de outros muitos tipos de atividades, igualmente relevantes e valiosas” (p.108).

Para Almeida (2006) a profissionalidade pode ser definida como processo de construção e reconstrução das respostas práticas (saberes profissionais) dos docentes frente às questões que se apresentam na sala de aula, na escola, na relação com os demais profissionais, com os pais, com a sociedade e que se traduz na reconfiguração do modo de ser professor e de estar na profissão (p.84).

Os atributos concernentes à profissionalidade, atribuídos por Almeida, reforçam a os apontamentos realizados por Roldão, contribuindo assim para a compreensão da afirmação de que a profissionalidade diz respeito àquilo que é específico na ação docente, devendo ser contextualizada, conforme afirma Sacristán (1993), de acordo com o momento histórico concreto e com a realidade social que o conhecimento pretende legitimar.

No que se refere ao professor de ensino superior, para Fondón, Madero e Sarmiento (2010) citando Gross e Romana (2004), nas últimas décadas está se prestando mais atenção aos problemas enfrentados por aqueles que estão no início da carreira. A relevância de se compreender esses problemas se deve ao fato que a entrada na carreira é um momento crucial para a constituição da identidade profissional docente

Em seu processo de inserção profissional, o professor iniciante se encontra em um período repleto de angústias, incertezas e inseguranças. O “choque de realidade” pelo qual passa esse professor, diante da dicotomia entre o pensado e o vivido por ele, no que se refere ao perfil dos alunos, à prática pedagógica e à cultura institucional, trazem temores e dúvidas, necessidade de ajuda e companheirismo (Ruiz, 2008, p. 177).

Essa reflexão está alinhada com Tardif (2000a) na medida em que busca pesquisar os saberes mobilizados e empregados na prática cotidiana do professor e suas interlocuções com a identidade profissional docente.

Em direção semelhante, Pereira (2005) nos auxilia a compreender o percurso da prática profissional para a sala de aula, indicando que, para fazer bem (alguma coisa), é preciso que se conheça o que se faz e, para se saber bem, é preciso que se tenha competência para fazer.

Essa discussão encontra relevância no atual contexto de expansão dos números de vagas ofertadas no Ensino Superior, sobretudo diante dos investimentos dos programas financiados pelo Governo Federal, sendo o mais reconhecido o Programa Universidade para Todos (PROUNI), segundo Souza e Menezes (2015).

Sguissardi (2008) alerta que o crescimento do ensino superior está diretamente ligado a um processo de mercadorização. O autor lembra que desde 1997, legalmente, a educação superior passou a ser considerada um bem de serviço comercializável. Com isso, a proliferação de instituições privadas, inclusive entidades de capital financeiro internacional aberto passaram a oferecer serviços educacionais em nível superior, no Brasil.

Compreender o contexto no qual a identidade profissional dos professores iniciantes no ensino superior é construída é fundamental para que se apreenda as múltiplas determinações desse empreendimento. Boutinet (1999) afirma que o momento histórico complexo e imprevisível em que vivemos levará o homem a defrontar-se com situações difíceis e desestabilizadoras que afetarão sua

identidade como pessoa e, conseqüentemente, sua identidade profissional. Com base no que foi exposto, infere-se que o processo formativo é sustentado por identificações profissionais que contribuem para o cultivo dos saberes para determinada prática.

No intento de construir algumas considerações finais, é possível perceber que os desafios enfrentados pelos professores iniciantes se voltam para a gestão pedagógica da sala de aula, o perfil dos alunos e as condições de trabalho, segundo Príncipe, Pereira e Passos, 2015.

Os autores destacam a ausência de programas de inserção à docência e para a falta de regulação sistêmica do trabalho desenvolvido pelas IES privadas, por parte do poder público. No caso brasileiro, observa-se a inexistência de tais programas nas universidades privadas, que são em maior número, e uma descontinuidade nas políticas de formação de professores universitários: [...] alertamos para a necessidade de pesquisas que poderiam se dedicar a investigar como os programas de formação de professores universitários estão sendo desenvolvidos, considerando que se trata de um tema difuso na LDBEN 9.394/96, pois a formação de professores para o ensino superior ocorre em cursos de pós-graduação lato e strictu sensu, sem que tenhamos dados concretos de avaliação desta formação. (Príncipe, Pereira e Passos, 2015, p. 9).

Para os autores a docência universitária carece de uma moralização, do ponto de vista das condições de trabalho e carreira para que seus professores possam se desenvolver profissionalmente e para que se percorram inovações curriculares e didáticas.

Nesse sentido, é importante alertar as Instituições de Ensino Superior, que são responsáveis pelo trabalho dos professores, de que um novo professor está presente em suas salas de aula e que ele merece uma atenção especial, pois as aproximações e os distanciamentos entre a identidade pessoal e a identidade profissional não podem ser realizados individualmente por cada docente, mas requerem uma construção coletiva.

Isso não significa destituir o sujeito da sua autonomia, do seu “tempo subjetivo”, da sua responsabilidade ou do seu comprometimento com seu trabalho. O que defendemos é que o exercício da docência requer, além de mobilização de conhecimentos experienciais, outros conhecimentos que permitam ampliar a compreensão da ação e a ação docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Isabel. A reconstrução da profissionalidade docente no contexto das reformas educacionais: vozes dos professores da escola ciclada. In: SILVA, A. M. et al. Políticas educacionais, tecnologia e formação do educador: repercussões sobre a didática e as práticas de ensino. Recife: Edições Bagaço, 2006, p.83-107
- BOUTINET, Jean-Pierre. A imaturidade da vida adulta. Porto: Portugal: Rés, 1999.
- CIAMPA, A. C. A estória do Severino e a história da Severina. Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- DUBAR, C. A crise das Identidades: a interpretação de uma mutação. São Paulo: Edusp, 2009.
- _____. A socialização: construção das Identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FORTES, V. M. R. B. A constituição do professor caboverdiano nas relações sociais e de trabalho. 2008. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- FREITAS, F. L. A constituição da identidade docente: discutindo a prática no processo de formação. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia Educacional) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- FURLANETTO, E. C. Matrizes pedagógicas e formação docente. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009. p.1.112-1.121.
- _____. Como nasce um professor: uma reflexão sobre o processo de individuação e formação. São Paulo: Paulus, 2003.
- GARCIA, C. M. A identidade docente: constantes desafios. Revista Brasileira de Pesquisa sobre formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, v. 1, n. 1, ago./dez. 2009.
- GATTI, B. A. et al. Identidade profissional de professores: um referencial para pesquisa. In: Formação de professores e trabalho docente. Revista Educação & Linguagem. São Bernardo do Campo: Metodista, ano 10, n. 15, p. 269-283, 2007.
- LEMOS, J. C. G. Do encantamento ao desencanto, da permanência ao abandono: o trabalho docente e a construção da identidade profissional. 2009. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- LÜDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. Educação e Sociedade, Campinas, v. 25, n. 89, dez. 2004.
- PIMENTA, S. G. Formação de professores: Identidade e saber da docência. In: _____. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999. p. 15-34.
- PRÍNCEPE, L. M.; PEREIRA, R.; PASSOS, L. F. A constituição da profissionalidade do professor iniciante em cursos de licenciatura no Ensino Superior: uma análise dos desafios enfrentados no ingresso na carreira. ANAIS 110

Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste. São João del-Rei, 2015. Disponível em: <http://www.anped-sudeste2015.com.br/trabalhos>. Acessado em 09 de Dezembro de 2015.

ROLDÃO, Maria do Céu. Profissionalidade docente em análise: especificidades do ensino superior e não superior. UNESP: Revista anual do curso de Pedagogia e Programa de Pósgraduação, Presidente Prudente, v.12, n.13, jan/dez. 2005.

RUIZ, Cristina Mayor. El desafio de los profesores principiantes universitarios ante su formación. In: GARCIA, C.M. (coord.) El profesorado principiante – inserción a la docencia. Sevilla: Octaedro, 2008.

SACRISTÁN, Jimeno G. Consciência e Ação sobre a Prática como Libertação Profissional dos Professores. IN: NÓVOA, Antonio. Profissão Professor. Portugal: Porto, 1993. p. 63-92.

SGUISSARDI, Valdemar. Reforma Universitária no Brasil -1995-2006: Precária trajetória e incerto futuro. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial p.1021-1056, out. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 01 de dezembro de 2015.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 13, p. 5-24, jan./fev./mar./abr. 2000a. TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educação e Sociedade, Campinas, v. 21, n. 73, p. 209-244, 2000b.